

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 110

11 DE JANEIRO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Os reis de Hespanha, PINHEIRO CHAGAS — As nossas gravuras — Exposição Nacional de Milão, R. — O abandono do Pombal, FIALHO D'ALMEIDA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Suas Magestades Reaes D. Maria Christina e D. Affonso XII — Incendio do Ring-theater de

ras, tudo o que se costuma fazer quando se entra em anno novo.

Agora 1882 já se installou, e resta-nos ver o que elle é, e o que elle faz.

Como já passaram as festas, nós podemos hoje, sem medo de *lhes ir impanar o brilho*, fazer ao anno novo christão umas observações que nos parecem muito sensatas, o que podemos dizer sem vaidade porque não somos nós os primeiros que as fazemos.

de Juno, podiamos muito bem ter trazido dos romanos os limites do seu anno.

O anno romano começava no primeiro de março. Não sei porque a era christã não adoptou este começo d'anno, e se não fossemos naturalmente propensos á benevolencia, verberariamos aqui asperamente o seu procedimento.

E no fim de contas, mudando o começo e o fim do anno, e conservando aos mezes as denominações que lhes davam os romanos, a era



SUAS Magestades REAES D. MARIA CHRISTINA E D. AFFONSO XII
VISITA DOS REIS DE HESPANHA A PORTUGAL

Vienna, Aspecto da entrada da terceira galeria, Reconhecimento das victimas do incendio na prefectura de policia — Conde da Azinhaga — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Passaram as festas do anno bom, as consoadas, os *te-deums* os perús, a abertura das cama-

A idéa que tiveram os christãos de começar o anno em janeiro, foi uma idéa infeliz e illogica.

Não se comprehende de forma alguma que se comece um anno pelo meio, e em plena estação d'inverno.

Nós — nós não, lá quem foi — que fomos buscar ao anno romano os seus nomes pagãos, que conservamos na era christã, o janeiro, de Jano, o março, de Marte, o maio, de Maia, o junho,

christã caiu n'esta anomalia muito deploravel n'uma era que se presa, e que é: setembro, que por dizer *setimo* mez, passou a designar o nono mez, outubro, oitavo, o decimo; novembro, o nono, e undecimo; e dezembro, o decimo, o duodecimo. Digam-me lá, com toda a franqueza se não havia carradas de rasão para pregar uma forte reprimenda á era christã!

Nós porém, lemitamo-nos a apontar-lhe amigavelmente estes argumentos, que não são nos-

soz nem são novos, fazendo votos sinceros para que a era christã, tome emenda, e siga caminho mais logico e racional.

— Estamos portanto em 1882 isto é no 2635 annos depois de Romulos, no anno 5642 da era judaica, no anno 1299 dos turcos, e no anno 90 da Republica Franceza.

Por enquanto tem apenas dez dias esse anno, mas apesar da sua tenra idade já deu que falar de si.

Vamos ver rapidamente o que se passou em Lisboa n'essas primeiras duzentas e quarenta horas do anno 5642 da era judaica.

Abriam-se as camaras, mas ainda não se constituíram.

Leu-se o discurso da corôa, uma revista do anno resumida, n'um estylo massador, a primeira que sempre apparece, que é sempre a mesma coisa, e que contraria violentamente o celebre axioma de que «os annos succedem-se mas não se parecem».

Vistos atravez do discurso da corôa parecem-se todos uns com outros, salvo o estylo mais ou menos, quasi sempre mais, enfadonho, suporifico, e vasio d'idéas, que deve incommodar muito sua magestade el-rei, que tem que o ler no *seio da nacional*, sua magestade que é um homem de letras illustre, um delicado artista da palavra, um cinselador finissimo da linguagem portugueza.

Finda essa leitura, abriu-se a sessão, cada um voltou para sua casa e até agora ninguem mais deu signal de si, e naturalmente só depois de passadas as festas é que a comedia politica se começará a representar em S. Bento.

— Na noite de quinta feira a cidade baixa foi alvoraçada pelo cavalgar apressado d'uma companhia da municipal, que ia procurar o inimigo para a rua Nova da Palma.

Pela cidade espalharam-se os mais tragicos boatos.

Dizia-se que a Bernarda andava na rua, havia mesmo quem affirmasse tel-a visto a tomar chá no Martinho.

Nós soubemos a noticia nos bastidores do theatro de D. Maria, e tranquilisámos um pouco os animos: tinhamos atravessado n'esse momento o Chiado em companhia de Pinheiro Chagas e não tinhamos encontrado a Revolução, tinhamos apenas encontrado o actor Tabora.

Entretanto lá dentro affirmava-se com insistencia que havia Bernarda; as auctoridades civis e militares tinham desertado á pressa da sua frisa, e Emilia Candida aterrada recitava os versos deliciosos da *Mantilha de Renda*, com o ar apavorado de quem resa a *Magnifica*.

D'ali a momentos começaram a apparecer noticias authenticas da tal revolução: as noticias vinham do theatro do Principe Real, e traziam-n'as pessoas que tinham ido lá para vêr a *Revista do anno*, do sr. Baptista Machado, revista a que o sr. governador civil se encarregou de fazer o terceiro acto.

Esse terceiro acto, verdadeiramente original — porque nunca se viu cá, sem mais nem mais, simplesmente por uns policiaes que exigiram, segundo constou, entrada gratuita na platéa, patearem a entrada de um personagem, imitando o sr. conselheiro Arrobas, sem haver tumulto algum, a policia e a municipal invadir um theatro, a sala e o palco, obrigar os espectadores todos a sahir, prender os empregarios, ameaçar o actor e os actores, mandar suspender o espectáculo, e cercar o edificio com uma força de cavallaria, — este terceiro acto, diziamos nós, produziu profunda sensação em Lisboa.

No dia immediato, porém, levantou-se essa arbitraria suspensão da *Revista*, e não era menos de esperar do sr. ministro do reino, que é um escriptor notabilissimo, um homem de espirito illustrado e liberal.

Agora, porém, digamos o nosso pensamento acerca d'estas revistas, em geral, porque, mesmo não tendo visto a do Principe Real, não nos podemos a ella referir.

Reprovamos completamente o tom desbragado, as allusões directas e grosseiras, a apresentação de actores representando physicamente os personagens politicos de todos os partidos, e muitas vezes individuos particulares, que sem mais nem mais, se vêem de repente alvo da chacota do publico. Isto não pôde, nem deve ser assim, não é arte, nem é liberdade. A maneira de remediar este estado de desmoralisação decadente em que vae o nosso theatro, sobretudo o theatro popular, aquelles cuja missão é mais grave e de maior responsabilidade?

Temos ouvido ahí fallar muito em *censura previa*, no restabelecimento d'esse velho entrave á liberdade do espirito humano. Não queremos esse remedio, mesmo porque é um remedio mil vezes peor que o mal.

Parece-nos que o unico remedio efficaz, e esse urgentissimo, para isto e para tudo, seria uma nova organisação judiciaria, que permittisse a todas as pessoas offendidas pelas demasias da liberdade da imprensa e da liberdade do theatro, um desaggravo prompto, immediato, sem a longa peregrinação pelos cartorios d'escrivães, que hoje ha e onde se gastam enormes cabedades de paciencia e de dinheiro.

Se os escriptores que offendessem qualquer individuo, qualquer corporação, qualquer instituição, tivessem immediatamente uma penalidade séria e grave, todos os que escrevem pensariam um pouco nos limites impreteriveis da liberdade de pensamento, antes de atirarem para o theatro e para o prelo com os pasquins grosseiros e insolentes que ahí apparecem, e a imprensa e o theatro não desciriam mais ao nivel immundo por onde andam rebaixados.

Em o offendido tendo ao seu dispor meios rapidos e infalliveis de se desaffrontar, haveria muito menos quem o offendesse.

Crémos que seria este o unico meio, serio e digno de um paiz liberal, de resolver a questão.

E é necessario que se resolva, e quanto antes. Agora o que não pôde ser, é que aos abusos da liberdade de pensamento se responda com os abusos da auctoridade, é que se deixe ao arbitrio de qualquer homem o legislar como lhe approuver, substituindo-se desvairadamente aos corpos legislativos.

Tudo isto anda muito fóra dos eixos, e cumpre quanto antes fazer entrar tudo no caminho legal.

O acontecimento ruidoso do theatro do Principe Real, e o procedimento imprevisto da auctoridade vieram, por momentos apenas, desviar a attenção do publico do assumpto que actualmente domina todas as preoccupações, as festas d'el-rei de Hespanha. Essas festas, que promettem ser brilhantissimas, tem sido o assumpto obrigado de todas as conversações, e de todas as discussões na imprensa.

O dinheiro corre a jorros tanto dos cofres do Estado como dos bolsos dos particulares. Gastam-se centenas de contos de réis nos preparativos dos paços reaes de Belem e de Villa Viçosa para receber os reaes hospedes e a sua numerosa comitiva, nas ornamentações das salas para os bailes, dos theatros para as recitas de gala, das tribunas para as festas da rua. No Roçio alugam-se janellas para a parada por preços exorbitantes; todos os logares dos theatros de S. Carlos e D. Maria para as recitas de gala são disputados por preços fabulosos, a febre do divertimento apossou-se da população de Lisboa, e esta semana é uma semana toda cheia de festas: hoje, corridas no Hyppodromo, e baile no paço da Ajuda; amanhã inauguração da exposição de arte ornamental e recita de gala em S. Carlos; depois de amanhã passeio a Cintra, e illuminação e fogo no rio — de certo uma das festas mais brilhantes e pittorescas, — depois parada e baile da Associação Commercial, depois parada, e recita de gala em D. Maria, depois partida para Villa Viçosa, e depois... a recordação das festas que passaram!

— E este turbilhão de festas não nos deixam espaço para fallar largamente como desejavamos do beneficio do actor Mello no theatro da Trindade, uma festa tambem, de que é muito merecedor o notavel artista pelo seu bello talento moderno, e pelo seu excellente character, e da estreia da sr.^a Cepeda nos *Huguenotes*, uma cantora já nossa conhecida, que possui uma das vozes mais deliciosas, frescas, e bem timbradas que ha hoje no mundo lyrico, e que depois de ha quatro annos ter creado na nossa scena a *Aida* nos appareceu a cantar os *Huguenotes*.

A sr.^a Cepeda tem ainda a mesma voz deliciosa, muito mais desenvolvida pelo estudo, o seu methodo melhorou muito durante estes quatro annos em que andou pelos primeiros theatros lyricos da Europa, o seu talento adquiriu uma accentuação mais dramática, e nos *Huguenotes*, apesar de ter de lutar com a recordação da Borghini-Mamo, fez-se applaudir com justiça.

Mas voltemos ás festas dos reis de Hespanha. — Suas Magestades hespanholas acabam agora de chegar a Lisboa; vimol-as apeiar do comboio na *gare* de Santa Apollonia, toda enfeitada com bandeiras, tropheus e flores, onde as esperava el-rei D. Luiz, D. Fernando, principe real, ministerio e córte, e mais de tres mil espectadores.

O comboio real chegou á 1 hora e 5 minutos á estação. El-rei de Hespanha vinha á militar, e sua magestade a rainha de Hespanha vestida de seda lilaz.

Acompanham SS. MM. o sr. Sagasta presidente do gabinete hespanhol, mais dois ministros da corôa, e numerosa e brilhante comitiva.

O dia de hoje é já um dia de extraordinario movimento em Lisboa. Por todas as ruas desde Santa Apollonia até Belem era enorme o concurso de povo. A cidade está cheia de provincianos e apresenta uma animação desusada.

À noite ha jantar de gala no paço d'Ajuda, e no momento em que nós acabamos a chronica principiam as festas.

Começam, mas aí de Lisboa! O tempo é caprichoso como uma coquette; o ceu que tem estado estes dias tão azul, hoje apresentou-se coberto de nuvens; e o sol tão alegre até hontem principiou hoje a ter um amarello esbranquiçado de mau agouro...

Gervasio Lobato.

OS REIS DE HESPANHA

Devem estar em Lisboa, á hora a que estas linhas apparecerem, os soberanos do visinho reino, e queira Deus que o céu conserve a serenidade azul com que nos está agora contemplando. Da decoração da cidade é essa com certeza a parte mais esplendida, e, como felizmente não é facil cortar um retalho de firmamento, para se fazer lá no alto algum palanque de madeira, é de esperar que, se o Inverno não intervier, apresente Lisboa aos seus regios hospedes essa ornamentação maravilhosa, que deslumbrou Henri Martin.

A cidade veste-se com todas as suas galas para receber dignamente os reis de Hespanha. O OCCIDENTE, prestando homenagem, acima de tudo, a esta deusa implacavel do moderno jornalismo, a *Actualidade*, põe em movimento febril o lapis dos seus desenhadores, o buril dos seus gravadores, a penna dos seus collaboradores. O brilhante redactor da *Chronica occidental* se occupará especialmente da visita e das festas que se preparam para a assignalar de um modo esplendido. A mim cabe-me apenas o dever de desenhá-las, em dois traços, as duas sympathicas physionomias que hoje avultam no primeiro plano n'essa tumultuosa Hespanha.

A realza é hoje um dos encargos mais pesados que pôde assumir um homem, e sobretudo uma senhora. As abdicções, que denunciavam outr'ora a abnegação de um philosopho, hoje representam simplesmente o egoismo de um commodista. N'esta lucta medonha, que se trava em toda a parte, entre a sociedade e a revolução, os reis combatem na vanguarda. Quanto mais inviolaveis os fazem as constituições, mais appetee atirar-lhes. Perante as camaras os ministros são responsaveis pelos actos dos reis, mas perante o revolver são os reis responsaveis pelos actos dos ministros. A Europa ainda não comprehendeu bem esta realza constitucional, a que a Inglaterra deve em grande parte a sua prosperidade. Os povos continentes não a comprehendem nunca, e os reis nem sempre. Affonso XII é um dos homens que tem sabido admiravelmente perceber-a.

O joven rei de Hespanha teve a grande educação do exilio; foi um simples estudante, pôde suppôr, durante dois ou tres annos, que lhe estavam para sempre fechadas as portas de Hespanha. Tratou fraternalmente com republicanos e monarchistas, partilhou as aspirações da mocidade viennense, e preparou-se, como outro qualquer, para esta lucta pela vida, que é a grande condição das sociedades modernas. Teve o estimulo da concorrência. Quando os emissarios hespanhoes percorriam a Europa com a corôa de Carlos V, como os emissarios do principe de Perault com o sapato de Cendrillon, Affonso XII teve de reconhecer que lhe não bastava ser filho de Izabel para a conseguir, que era necessario que se lhe ajustasse bem na frente, como era indispensavel que o pé de Cendrillon coubesse no sapatinho de baile. Esses oito annos de exilio valerem mais para elle do que valeriam oitenta annos de estudo no palacio do Oriente. Contemplando de longe os acontecimentos da Hespanha, vendo desenrolar-se umas após outras as scenas d'aquella tragedia horrorosa, o attentado da *calle* do Arenal, a partida, á noite, do rei Amadeu para a fronteira, dando o braço á sua pallida esposa, atravessando a turba, ou indifferente ou hostil, depois a rapida passagem dos governos republicanos, os pronunciamentos, as revoluções, os incendios, as scenas medonhas de Alcoy, a lucta de Carthagená, os dramas de Andaluzia e os golpes de Estado, a evacuação das camaras, e ao Norte a repercursão reaccionaria de todos esses excessos, a guerra carlista, Bilbao, Estella, todo esse inferno emfim, Affonso XII impallideceu, de certo, por mais de uma vez, ao pensar que teria

de entrar no quinto acto d'esse drama. Foi necessaria, effectivamente, uma estranha força de animo, para que esse estudantinho calçasse tranquillamente as suas luvas, pozesse na cabeça o seu chapéu, montasse a cavallo, e entrasse em Hespanha por entre as ruínas fumegantes, com as boinas carlistas de um lado e os barretes phrygios do outro, e fosse, enfim, sentar-se no throno vacillante, que era com toda a certeza em 1876 um dos sitios mais doentios da Europa. Mas não tardou a ser uma surpresa para todos o modo habil como esse estudantinho desempenhava o seu difficil papel, como affrontava serenamente os Moncusis e os Oteros, como sabia restringir-se ao seu papel constitucional, garantir as liberdades da Hespanha, e fazer enfim o que ha de mais difficil no seculo XIX — a reconstituição de uma tradição monarchica, quebrada pelas revoluções.

Vem ao seu lado uma joven archiduqueza austriaca. Pela primeira vez, parece-nos, se juntaram no throno hespanhol os representantes das duas dynastias que regem a Hespanha ha perto de quatro seculos — a de Bourbon e a de Austria. Não é menos difficil o papel da rainha do que o papel do soberano, e só podia vencer essas difficuldades todas a graça encantadora, o espirito affectuoso e suave d'essa filha da casa de Austria que trouxe para o throno os doces sentimentos de familia, a coragem serena de esposa e de mãe que não teme affrontar a perspectiva das mais amargas provações. Era a rasão do Estado que obrigava o rei a sair da sua melancolica solidão de viuvo² para sentar uma rainha no logar occupado ainda por uma imagem querida. Ella soube entrar, sem fazer ruido, docemente, suavemente, no santuario d'aquella dôr profunda, não teve ciúmes do meigo phantasma da sua predecessora, ajoelhou com seu marido diante do tumulo de marmore branco, onde Mercedes repousa, e que é como que a segunda mortalha candida que envolve, como um veio de noiva, a noiva do sepulchro, e um dia o rei sentiu que tivera a ventura ineffavel de encontrar na sua segunda mulher mais do que uma rainha, uma esposa tambem, e que esses thesouros de extremo amor, de delicado affecto, que julgára para sempre encerrados n'um tumulo, os achava de novo n'um d'esses casamentos regios em que não é facil encontrar-os, porque não é precisamente de idyllios e de ventura domestica que tratam os diplomatas, quando se namoram ternamente uns aos outros por conta dos seus soberanos.

É que a archiduqueza Maria Christina pertence a uma familia onde poude respirar desde a infancia esses ares purissimos, que nem sempre se respiram n'esses Alpes sociaes. O imperador e a imperatriz viveram como dois pastores tyrolizes, como dois personagens de Gessner, sem intervenção de Metternich. Ella prendeu-o, não nos grillhões da diplomacia, mas nos laços de ouro dos seus cabelos, e as notas diplomaticas que se trocaram para aquelle casamento foram, da parte d'ella, um olhar longo, profundo e puro como a transparencia de um lago, da parte d'elle um *vergiss meinicht* — a flôr azul das balladas. Depois os diplomatas redigiram em prosa estas escripturas de casamento.

Entre Maria Christina e Afonso XII succedeu um pouco o inverso: foram elles que no seio da familia, na comunidade do perigo, quando um e outro passavam por diante do cano da pistola de Otero, no silencio melancolico d'esse palacio tão cheio de recordações, que principiaram docemente, em voz baixa, a traduzir na linguagem ineffavel do amor, na poesia radiosa da sua radiosa mocidade, esse casamento que fôra escripto em prosa vil pelo conde Andrassy e por Canovas del Castillo.

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

O INCENDIO DO RING-THEATER DE VIENNA

O OCCIDENTE já alludiu n'uma das suas chronicas ao terrivel incendio de Vienna que tanta sensação causou em toda a Europa: hoje occupando-se nas suas gravuras d'essa enorme catastrophe, cumpre-lhe historial-a com todos os seus horribes promeneores.

O *Ring-Theater* de Vienna d'Austria, assim chamado por estar situado no boulevard do Ring,

¹ Vêja-se o nosso vol. II n.º 47.

² Vêja-se o nosso vol. I n.º 5 e 14.

uma das paimeiras avenidas de Vienna, que tira o seu nome — Ring — da sua fórma circular de anel, era um dos mais bellos theatros do mundo.

Fôra construido em 1872, sobre o plano do architecto Forster, e inaugurado em 1874, como theatro d'opera comica. Era um bello edificio, de estylo italiano.

No dia 8 de dezembro houvera de manhã recita extraordinaria, em beneficio das viuas e orphãos da policia metropolitana. A recita acabou ás 5 horas da tarde, e ás 6 abriram-se de novo as portas do theatro para o spectaculo da noite, a 2.ª representação dos *Contos d'Hoffmann*, a opera comica posthuma de Offenbach.

As 6 horas e meia, quando a sala estava quasi cheia, e os actores já no palco para entrar em scena, no 1.º acto da opera, que ia começar, o illuminador que accendia uma gambiarra, com uma pequena lampada de petroleo no alto d'uma vara, roçou a luz da lampada por uma decoração que logo se inflamou. O fogo communicou-se n'um momento a todo o scenario e d'ali a segundos, as chammas furando o panno de bocca, iam lambendo as galerias superiores do theatro.

Advinha-se facilmente a confusão, o terror, que se apossou logo de toda a sala.

Aos primeiros gritos, ao pavoroso clarão do incendio, todos os espectadores impellidos pelo instincto da conservação, atiraram-se para as portas de saída, fugindo á morte terrivel que os ameaçava. Os que estavam nas primeiras filas de cadeiras ao pé da porta, e nos camarotes de primeira ordem, conseguiram sair para a rua, mas os outros ficaram uns esmagados, outros asphixiados, outros carbonizados.

Foi um quadro d'horror medonho.

As portas e os corredores eram estreitos; na precipitação da fuga, uns caíam, os outros caíam-lhes por cima, e assim formaram-se paredes humanas, que fechavam n'aquelle forno enorme os que ficavam atraz.

Das galerias, os espectadores desvaírados, allucinados, procuravam fugir á morte saltando lá de cima, para a platéa, onde encontraram uma morte terrivel.

Ao terror do fogo, juntaram-se as trevas em que o theatro e os corredores ficaram immersos, quando a administração do theatro logo, que se manifestou o fogo, mandou apagar o gaz.

As lampadas d'azeite, que o regulamento dos theatros viennenses obriga a ter accesas nos corredores todas as noites d'espectaculos, estavam apagadas.

Essa escuridão aggravou muito a catastrophe, e causou enormes desgraças.

Nas galerias superiores do theatro os espectadores, não se puderam levantar nem fugir, e os seus cadaveres foram encontrados sentados nas bancadas, uns ao lado dos outros, carbonizados, e com as chammas queimando o chão e lambendo-lhes os pés.

Os felizes que poderam sair das ultimas ordens para os corredores fugiam para as janellas, e d'ahi, gritando por socorros que muito tarde appareceram, precipitavam-se para a rua, da altura d'um quarto andar, caindo sobre pannos e lonas, que lhes estendiam cá em baixo.

Emquanto a morte e a confusão reinavam no theatro, cá fôra o spectaculo não era menos terrivel.

Aos primeiros clarões do incendio toda a gente de Vienna correu ao boulevard do Ring, os theatros suspenderam os seus spectaculos, e a população em lagrimas reclamava pessoas de sua familia, de sua amisade, que tinham ido ao Ring Theater e de quem não sabiam o que era feito.

E ao passo que os bombeiros e a policia trabalhavam na extinção do indomavel incendio, de dentro do theatro saíam cadaveres ás centenas, carbonizados, — na maioria impossiveis de se reconhecerem — que davam a este quadro uma estranha nota lugubre, phantastica.

É impossivel descrever as pungentissimas tragedias que se passaram no Ring-Theater, n'essa noite, e os dramas terriveis de que foi theatro a prefeitura de policia, onde os cadaveres, quinhentos e tantos, estavam patentes, para serem reconhecidos pelos seus parentes e amigos, muitos completamente desfigurados, e tendo em cima, como unico indicio os objectos que se lhe poderam encontrar, um relógio, um anel, um binoculo, etc.

Nos primeiros dias a cifra dos mortos foi muito exagerada e chegou-se a fallar em dois mil e tantos. Mais tarde averiguou-se que essa cifra era de seiscentos e tantos, o que é de veras monstruoso e horrivel!

A cidade de Vienna ficou toda de lucto; o enterro d'aquellas numerosas victimas d'essa catastrophe assombrosa foi uma cerimonia imponente e estranha.

A administração municipal de Vienna mandou fazer uma enorme valla para todos os cadaveres que não tinham sido reconhecidos.

No local do Ring-Theater resolveu o imperador fazer levantar á sua custa um instituto de beneficencia, com uma capella votiva annexa, que lembre essa enorme desgraça ás gerações futuras.

O OCCIDENTE dá tres gravuras do incendio do Ring-Theater.

Uma representa o theatro a arder, visto por fóra: outra a galeria da 3.ª ordem, essa funebre galeria onde os bombeiros subindo a custo, e arrombando as portas encontraram uma verdadeira bancada de cadaveres, já carbonizados, que luctavam para sair quando a asphixia os surprehendeu nas suas phantasticas e estranhas posições, e assim ficaram com as chammas a lambem-lhes os pés, e a devoral-os lentamente.

A terceira representa a sala da prefeitura da policia durante o reconhecimento dos cadaveres.

O CONDE DA AZINHAGA

O conde da Azinhaga, fallecido no dia 14 de dezembro ultimo, era filho dos primeiros condes de Rio Maior, e irmão do marechal Saldanha. Tinha nascido no anno de 1799. Formou-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, seguiu a carreira diplomatica, e foi nomeado par do reino, em 5 de março de 1853. Era commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de S. João de Jerusalem, grão-cruz de Carlos III e Izabel a Catholica em Hespanha, grande official da ordem de Leopoldo da Belgica, e commendador da do Leão Neerlandez dos Paizes Baixos.

Tendo entrado na carreira diplomatica aos 25 annos de idade, como addido á embaixada na côrte de Vienna d'Austria, substituiu seu irmão primogenito conde de Rio Maior nas funções de veador do infante D. Miguel, n'aquelle imperio, em circumstancias difficeis, quando o infante fôra mandado viajar em consequencia de acontecimentos politicos geralmente conhecidos. Aceitou a commissão o conde, e desempenhou-a com a prudencia que lhe era natural.

Secretario da legação nos Paizes Baixos em 1828, serviu depois em commissão especial na côrte de Turin, desde dezembro de 1829 até agosto de 1833. É para notar que, tendo acompanhado o infante D. Miguel no seu regresso a Portugal, em 1828, a moderação do seu caracter em relação aos excessos politicos não agradou aos exaggerados, e por isso o desligaram de juncto do principe, onde os exaltados não queriam senão exaltados como elles. Este acto faz summa honra á sua memoria.

Encarregado de negocios para a côrte de Copenhague, em dezembro de 1843, e transferido para Bruxellas, o governo promoveu-o em 1847 a ministro residente na referida côrte, nomeando-o depois enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para S. Petersburgo, cargo que passou a exercer em Paris desde 1851 a 1852, sendo d'ali transferido para a côrte de Madrid, onde se conservou até 1857. Deteriorando-se-lhe a saude, obteve a sua disponibilidade nos termos legais. Foi casado com a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Carolina Anna d'Almeida Ribeiro Neves, condessa da Azinhaga, esposa exemplarissima, que, tendo-lhe sido companheira virtuosa nos esplendores da vida, lhe adoçou o correr da longa e dolorosa enfermidade com uma dedicação e um carinho inexcusaveis.

O conde da Azinhaga, além de outros predicados, era de um tracto affavel e amenissimo. As notas diplomaticas, por vezes inuteis ou perigosas, preferia tratar pessoalmente com os governos das côrtes onde estava acreditado. Avaliando que o seu paiz era diminuto em forças, e portanto sem influencia nos destinos europeos, o conde prestava por meio d'aquelle systema serviços mais prestantes á patria. A sua missão em Madrid, a mais difficil de todas as nossas missões, é um exemplo d'esta verdade. Ali, nos tres annos em que o partido conservador hespanhol esteve no poder no tempo da Regeneração, e em que o animo d'aquelle governo não era demasiadamente sympatico em relação ao nosso governo, o conde soube por tal fórma abrandar-lhe o animo desconfiado, que veio a tornal-o completamente favoravel ás boas relações dos dois paizes. Não é este mais do que um exemplo d'entre muitos que por brevidade se ommitem. Em Madrid, como em Paris, como nas outras côrtes onde representou Portugal, era festejado em todos os circulos, e recebido por todas as classes como um espirito recto, e um coração cheio de bondade.

A sua vida foi um exemplo do bem; e os que são exemplos do bem teem direito a receber da patria a homenagem do respeito.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XXV

Talvez os tres quadros mais bellos de Michetti sejam os seguintes: a *segunda ninhada*, a *canção* e a *filha de Jorio*. No grupo dos relativos á vida de casados havia a *primeira ninhada*, onde

oiteirinho da costa ouve com abalo interior as phrases de amor que lhe canta o seu amado á guitarra, ajoelhado ao pé d'ella, enquanto as aves quer pela erva, quer sobre os ramos de uma cejeira em flôr, lhe ensinam que em tão ridente quadra, tudo na criação respira amor.

O que passa pelo seu melhor quadro — *A filha de Jorio* — é um pensamento singello, melancolico e verdadeiro. Uma aldeã amou, deixou-se seduzir, naturalmente por algum senhor da cidade, o seu traje onde se vêem alguns particu-

tingue entre os melhores pintores vivos e o torna uma gloria da arte italiana.

O grande pintor Morelli não expoz quadro algum, Favretto, de Formis, e outros da primeira plana vieram á exposição, onde, se não apresentaram obras superiores ás suas já conhecidas mantiveram a sua reputação.

XXVI

Para complemento d'esta tão notavel expo-



INCENDIO DO RING-THEATER DE VIENNA, EM A NOITE DE 6 DE DEZEMBRO DE 1881

se via uma bella e rosada creança no seu berço, e os pintainhos de uma primeira ninhada brincando á roda e saltando no berço; mas a creança morrera, fora levada ao cemiterio, e a desolada mãe ajoelhada junto d'elle co'a cabeça apoiada sobre o berço vasio, onde o seu querido filho dormia somnos innocentes, chora amargamente a sua falta, enquanto os pintainhos que a gallinha tirara de *segunda ninhada* lhe saltam em torno e sobre a saia, e assim se explica o titulo. O assumpto é tocante, bem achado e simples.

O outro é a *canção*. A guardadora de patos, bella e joven assentada sobre a relva de um

lares extranhos ás suas montanhas, assim o denunciavam; comtudo ella sente em si o fruto do seu erro, em breve será mãe. Por um local onde cinco de seus patricios estão deitados ou sentados descansando, vae ella passando triste, cabisbaixa, mas bella, pensando, em que? na sua desgraça? na sua vergonha? dos seus patricios, uns sorriem, outros a lamentam, outros admiram a sua belleza!

Houve criticas acerbas, outras insulas, mas o mesmo critico, a que nos referimos, diz que ninguem soube negar a Michetti o genio, e aquella potencia rara de criação espontanea, que o dis-

sição alguns professores considerados fizeram conferencias importantes nas quaes se expozeram principios, se analysaram os factos manifestados na exposição, se publicaram os defeitos que toliam o desenvolvimento de algumas industrias, se tornaram palpaveis os progressos reconhecidos e se apresentaram pareceres para o melhoramento de muitas industrias, e o aproveitamento de todas as produções da natureza.

A primeira conferencia foi feita a 10 de setembro pelo professor Victor Zoppetti ácerca da industria extractiva de origem mineral, na qual accentuou os principaes defeitos que teem impe-

didado o desinvolvimento d'este ramo e são, exiguidade de meios, estreiteza dos campos, falta de espirito de associação, pouca tendencia dos capitães para a industria extractiva mineira.

Alguns d'estes defeitos acham-se ainda entre nós em grande escalla, e conquanto a nossa industria mineira tenha tomado grande desinvolvimento, parece-nos que tanto com relação a materiaes de construção e de ornato, como á extracção de minerio metalico, como a industria siderurgica temos muito que fazer. O professor italiano concluiu dizendo que quando todos estes productos estiverem perfeitamente utilizados *pelo paiz e para o paiz*, só então poderão os italianos dizer que estão fortes e independentes.

A segunda conferencia versou sobre a instrucção industrial e profissional. N'esta bella conferencia o professor Alberto Errera fez a historia da origem dos institutos italianos dedicados a este ensino. Comparou algumas escolas, com o as de Biella, Livorno, Veneza, Milão, Roma, Napoles e outras, com as semelhantes belgas, francezas, allemans, inglezas, hollandezas, suecas e suissas; mostrou a anarchia em que assim mesmo se acham algumas do seu paiz, por dependerem de diversos ministerios. Apresentou um plano de reforma, e concluiu chamando a attenção dos particulares, dos corpos moraes e do Estado, para o que com relação á instrucção industrial se deve seguir em vista dos resultados da exposiçào.

Infelizmente não podemos d'aquí tirar argumentos de paridade, porque a instrucção in-

dustrial limitada entre nós ao ensino theorico do Instituto Industrial, em nada se póde comparar com o que ha lá fóra. Tivemos já escolas profissionaes que foram todas as industrias que o Marquez de Pombal creou, tivemos já um Conservatorio de Artes e Officios, onde se produziam obras da maxima perfeiçào, mas talvez se não saiba onde existe isso hoje. Clamemos pois pelo ensino profissionaal; sem isso nem industria, nem artes, nem meios teremos.

XXVII

A terceira conferencia foi feita pelo professor José Colombo a respeito da industria das machinas. Fazendo primeiro a historia d'ellas na exposiçào de Florença, mostrou que esta industria parecia encetar então os seus primeiros passos; n'esta porém revelou um progresso notavel. Não sómente produz a Italia machinas de pequena monta, mas tambem as grandes machinas de vapor. Passando em revista o que a exposiçào apresentou de mais notavel n'este genero, fez um apello ao patriotismo dos seus concidadãos para não introduzirem machinas estrangeiras, quando o paiz lh'as possa fornecer em egualdade de circumstancias, pela garantia que as fabricas nacionaes dão de melhor fabrico, e melhor preço.

Comquanto n'este ramo não tenhamos sufficientes fabricas, que possam produzir machinas de grandes dimensões, comtudo sigamos sempre o conselho do professor italiano, e não peçamos ao estrangeiro aquillo que poderemos obter no paiz pelo mesmo preço ou mais barato.

A quarta conferencia do pro-



INCENDIO DO RING-THEATER EM VIENNA

ASPECTO DA ENTRADA DA TERCEIRA GALERIA



INCENDIO DO RING-THEATER EM VIENNA — RECONHECIMENTO DAS VICTIMAS DO INCENDIO, NA PREFEITURA DA POLICIA

(Segundo desenhos enviados de Vienna)

o pollen de uma funerea flôr desmanhada. E os olhos abertos, gelados de humores, havendo perdido a transparencia, davam á phisionomia uma singular expressão de acabamento, de angustia e suavidade idiota, deixando vêr no terrível relance, como o animal se ia transfazendo em coisa.

— Rezem, disse o velho em voz alta, pondo o chapéu para sahir, no meio dos choros renovados.

Os ultimos pombos abriam já as azas, abalando por sua ordem, a installar-se na enorme serpente, que pelo ceu se desenrolava palpitando, sob a irisação de um raio de sol doentio.

— Os pombos! Os pombos!... dizia agora toda a gente.

Fialho d'Almeida.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Novos Contos por Alberto Braga — Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, Editores, 1881 — 8.º de 206 pag. É um formoso volume que junta ás bellezas litterarias que encerra, magnifica execução typographica. Os deliciosos contos com que o sr. Alberto Braga compõe o seu livro são, em parte, já conhecidos dos nossos leitores do OCCIDENTE, que teve o prazer de os publicar em primeiro lugar, por isso o leitor que se lembrar do: *Miguel Angelo de Santo Thyrsso, O Engrolla, Uma Fanfarronada, A Lutuosa, Que triste fim, A Amazona*, sabe quanto valem estas narrativas primorosamente escriptas pelo distincto collaborador do OCCIDENTE.

Os Contos da Minha Lavra publicados pelo sr. Alberto Braga em 1878 foram uma novidade para o nosso mundo litterario, onde o auctor desde logo tomou um lugar distincto, lugar e distincção que tem sabido conservar com os successivos livros que tem escripto até hoje.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS MODERNOS, CATALOGO ILLUSTRADO, contendo 24 reproduções em fac-simile dos desenhos originaes dos artistas, publicado por Alberto d'Oliveira. Este catalogo á similhaça dos que se fazem no estrangeiro, das exposições de Bellas-Artes, é uma novidade para o nosso paiz, onde aliás ha muitas innovações a fazer, tal é o nosso atrazo, especialmente em assumptos d'arte. Cabe portanto muito louvor ao sr. Alberto d'Oliveira pela sua feliz iniciativa e pelo empenho que tem tomado no progresso das Bellas-Artes do seu paiz.

ARCHIVO DOS AÇORES, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana — Volume terceiro, numero XIV. 1881 Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel. Typ. do Archivo dos Açores. — 4.º de 92 pag. — Como sempre, este fasciculo publica importantes noticias para a historia d'aquelle bello territorio, onde se prolonga o nosso paiz. Entre outros trabalhos, encerra a traducção anotada das *Opiniões do barão de Humboldt a respeito dos Açores*, trecho da mais alta valia. Dá em seguida em hespanhol e portuguez a relação de — *O socedido á armada de S. Magestade de*

que é capitão geral o marquez de Santa Cruz, na batalha que deu á armada que trazia D. Antonio nas ilhas dos Açores, opusculo raro em hespanhol, e manuscrito em portuguez, acompanhado por dois fac-similes de duas gravuras extrahidas da obra de Albrecht Fursten — DER KONIGREICH

titulos. Dispostos com methodo regular e simplicidade de exposição, dão noticias muito sufficientes das materias que tratam.

APONTAMENTOS E CONSIDERAÇÕES PARA UM PROJECTO DE LEI DE MARCAS de fabrica e de commercio. — Porto, typographia central de Avelino Antonio Mendes Cerdeira, 313, rua do Bom Jardim, 317. 1881, 8.º francez de 23 pag. — A marca é o signal distinctivo, a rubrica, o emblema, e para assim dizer a assignatura official que indica para o productor ou commerciante a sua propriedade de tal ou tal producto, e para o consumidor a garantia da sua genuinidade. Não tem sido até hoje muito empregado este meio pelos nossos industrias e commerciantes, como o é lá fóra. Fazer pois desinvolver este meio de segurança e probidade commercial, e regular o seu emprego é um assumpto, que parecendo de pouca monta, tem real e verdadeira importancia. Os nossos industrias e commerciantes devem ver, estudar e discutir este projecto e usar dos meios necessarios para que ou assim, ou devidamente modificado e melhorado seja posto em practica.

BIBLIOGRAPHIA CAMONEANA DOS AÇORES, por occasião e posterior ao centenário, por José Affonso Botelho Andrade, 1881, Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel, Typ. do Archivo dos Açores. 4.º de 34 paginas. — É este oppusculo uma descripção bibliographica de tudo, quanto nos diversos districtos das Ilhas dos Açores se imprimiu, já avulso, já nas publicações periodicas por occasião da celebração do centenário do nosso grande épico. Está feita com consciencia e tem de occupar o seu lugar em todas as camoneanas. Acha-se reproduzida no fasciculo xiv, 2.º do terceiro volume do *Archivo dos Açores*.



CONDE DA AZINHAGA — Fallecido em 14 de Dezembro de 1881
(Segundo uma photographia de H. Nunes)

HISPANNIEN PORTUGAL VND AFRICA, representando uma batalha naval, e outra a execução dos prisioneiros francezes ordenada pelo marquez de Santa Cruz; coisas curiosissimas. Este numero encerra tambem a bibliographia camoneana de que damos conta. Não insistiremos por isso na utilidade, importancia e incremento que tem tomado esta publicação conhecida e apreciada pelos estudiosos de todos os paizes.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, telegraphia electrica, illustrada com quinze gravuras, e accommodada tanto ao concurso de aspirantes auxiliares dos correios, telegraphos e pharoes, como ao serviço das linhas ferreas portuguezas. — Geometria plana, illustrada com 73 gravuras, e accommodada ao ensino dos que frequentam o curso geral dos Lyceus ou quaesquer aulas de mathematica elemental. — Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881. — São os n.º 20 e 21 d'esta util publicação. Os assumptos d'estes dois fasciculos, importante como é, são tratados por forma que podem servir não só ao commum dos individuos, mas, e principalmente aos que se destinam aos fins e carreiras enunciadas nos seus

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Olho no prato, olho no gato.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

ILLUSTRADO COM MAIS DE 50 GRAVURAS PORTUGUEZAS E UMA LINDA CAPA EM CHROMO-LITHOGRAPHIA

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

Preço, em Lisboa, 240 réis

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.